

Os Anfíbios e as percepções regionais da população paraibana: uma abordagem bibliográfica sobre mitos, lendas e crenças

Mateus Lima Bernardo¹
Gabriel Barbosa Vasconcelos²
Fleuriane Dantas Lira³
Roberta Smania-Marques⁴

Resumo: Os anfíbios são animais altamente relevantes para a manutenção do equilíbrio ecológico local como controladores de artrópodes que se alimentam da flora e vetores de doenças prejudiciais aos seres humanos. Apesar disso, esses animais sofrem com consequências advindas de mitos, lendas e crenças que levam ao sofrimento animal e desaparecimento de espécies chaves. Diante disso, o objetivo deste trabalho teve como foco a identificação das percepções regionais sobre os anfíbios para traçar de estratégias de ensino e divulgação científica em relação a práticas prejudiciais em relação aos animais. A metodologia escolhida foi uma revisão bibliográfica sistemática em periódicos das áreas de Ensino e Etnozoologia. Nesse sentido, categorizamos nossos resultados em relatos que incluíam aspectos religiosos, zoterápicos e biológicos sobre os anfíbios. Diante disso, reunimos todas essas informações para servir como princípios fundamentais na elaboração de estratégias adequadas para uma harmonia no convívio entre os humanos e os anfíbios.

Palavras chave: Anfíbios, Etnozoologia, Etnobiologia.

- 1 Graduando do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, mateuslimaif@gmail.com;
- 2 Graduando do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, gabriel_hashas@hotmail.com;
- 3 Bacharela e Licenciada do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, fleurianedlira@gmail.com;
- 4 Professora Dr^a do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, robertasm@gmail.com.

Introdução

O clado anfíbia representados por animais como, sapos, rãs, pererecas e cecílias se distribuem de modo altamente diverso nos ambientes naturais e urbanos. Esses animais apresentam uma alta importância para a manutenção dos processos ecológicos nos locais onde estão inseridos, já que estes atuam nas cadeias alimentares como controladores de artrópodes que podem se alimentar em excesso de produtores ou ainda servirem como vetores de doenças que podem afetar as populações humanas (POUGH et. al, 2008).

Contudo, apesar da sua relevância, os anfíbios são comumente associados a sentimentos negativos como ódio e repulsa pelas populações locais, seja pela sua aparência considerada não carismática ou a visão destes animais como malignos, potencialmente perigosos com apresentação de riscos iminentes para os seres humanos. Muitas dessas visões podem estar associadas a elementos culturais presentes em que histórias são passadas de modo hereditário nos estados brasileiros, através de lendas, mitos e crenças que não retratam de modo fiel os hábitos e a biologia dos anfíbios, causando possíveis consequências para a conservação destes animais, que podem sofrer pela caça massiva levando ao desaparecimento de espécies-chaves para a manutenção do equilíbrio ecológico e composição da diversidade local. (ALVES et al., 2010; SALLA et. al, 2017)

Diante deste panorama, é essencial que consigamos identificar as crenças mais comuns que a população julga como verdade, para que possamos levar o conhecimento científico de forma que as pessoas percebam que os anfíbios não precisam ser temidos e repudiados ao extremo, e consequentemente caçados e/ou abatidos, levando ao planejamento de ações para sensibilizar a população em relação a práticas prejudiciais e possíveis desenhos de intervenções educacionais com foco na conservação dos anfíbios nos seus habitats (ALVES et al., 2010).

Portanto, nos propusemos a realizar uma revisão bibliográfica sistemática em pesquisas acadêmicas, na busca das principais percepções regionais da população em relação aos anfíbios para o delineamento de ações futuras de ensino e divulgação científica para a conservação dos representantes do clado anfíbia no do estado da Paraíba.

Percurso metodológico

No percurso metodológico da nossa pesquisa investigamos pesquisas na literatura das áreas de ensino, zoologia e etnozologia para o norteamo do trabalho. O objetivo do levantamento foi encontrar as bibliografias de interesse, em que as buscas pelas mesmas ocorreram no banco de dados do Google Acadêmico de duas formas: primeiro com a combinações de conjuntos de palavras-chave gerais para todos os clados: Brazil, Brasil, Paraíba, Mito, Myth; e palavras-chaves específicas: Amphibia, Lissamphibia, Urodela, Anura, Gymnophiona, Sapo, Rã, Perereca, Gimnofiona, Cobra-cega, Salamandra, Anfíbio, Sapo cururu, Sapo boi, Herpetologia, Etnoherpetologia, Frog, Toad e Amphibian. Além das palavras-chave gerais para os clados, pesquisamos mitos para cada espécie de anfíbio que é encontrada na Paraíba. Inicialmente, utilizamos a lista oficial de anfíbios do Brasil disponibilizada pela Sociedade Brasileira de Herpetologia.

Diante disso, foram analisadas prioritariamente as bibliografias avaliadas como A1, A2, B1 e/ ou B2 pelo sistema de Periódicos Qualis Capes, para as classificações de periódicos quadriênio 2013-2016, além de monografias, dissertações e teses. Os trabalhos frutos de conclusão de cursos de graduação e pós-graduação consistiram na principal fonte de resultados para os dados sobre relatos, mitos e crenças no estado da Paraíba. Os periódicos utilizados como fonte de informações foram a *Journal of ethnobiology and ethnomedicine*, Revista Iberoamericana de Educación, *Applied Herpetology*.

Resultados e discussão

A partir do levantamento bibliográfico, revisamos cerca de 536 publicações encontradas na base de dados, de modo que selecionamos 20 publicações de relevância que esse encaixavam nos critérios de inclusão dos artigos, onde estavam presentes 34 relatos, mitos e crenças associados aos anfíbios, sendo sua maioria (N = 17) classificado como crença de base religiosa, como por exemplo a crença de que os sapos são animais amaldiçoados e que atraem mal olhado (SALLA et al., 2017). Os mitos que continham informações de uso zooterápico foram levantados em 4 (N).

Já os mitos relacionados à biologia desses animais, como a crença de que eles podem atacar pessoas, esguichando xixi/veneno/leite, o que pode causar cegueira e/ou verruga na pele (LUCHESE, 2013; PAZINATO, 2013) somam o total de 13 (N) resultados. Encontramos mitos que descrevem os aspectos comportamentais dos anfíbios no meio natural, bem como as

atividades fisiológicas desses animais. As percepções da biologia desses indivíduos indicam como a população humana interage em situações do cotidiano com o contato de representantes desse grupo, como forma de proteção ou utilização em atividades econômicas, como a agricultura. Não foram levantados mitos na categoria consumo.

De acordo com o levantamento dos dados da presente pesquisa, percebemos uma forte associação dos anfíbios com aspectos religiosos, que denotam sua presença como um sinal de mudança na natureza ou utilização destes em cultos com objetivos de desencadear determinadas ações nas pessoas. Essas visões demonstram como é representada a imagem dos anfíbios que foram construídas pela população ao longo do tempo, implicando de forma positiva ou negativa nas relações desses animais com o ser humano. Os mitos de cunho religioso podem ser observados no Quadro 01.

Quadro 01: Mitos e relatos sobre anfíbios classificados na categoria religiosa.

CATEGORIA RELIGIOSA
Não se pode matar os sapos, senão pode dar tempestade (SALLA et al., 2017).
Quando o sapo canta é porque vai chover (MENDONÇA, 2008).
Se o sapo grudar ele só solta quando der um trovão (SALLA et al., 2017).
Quando se acha um sapo em casa, quer dizer que te botaram mal olhado (SALLA et al., 2017).
Os sapos são bichos do mal, amaldiçoados, que atraem mal olhado (SALLA et al., 2017).
Virar sapo morto de barriga para cima faz chover (MENDONÇA, 2008).
Deve-se manter sapos dentro de poços para que não sequem (MENDONÇA, 2008).
Colocar um sapo morto na porta da casa traz proteção (VILLALOBOS, 2017).
Coçar a boca do sapo causa o definhamento de outra pessoa (BARBOSA, 2016)
Quando o casamento é demorado, utiliza-se um sapo para agilizar (CHARÃO, 2016)
O sapo é utilizado num feitiço que provoca o insucesso profissional (PINHEIRO, 2014).
O sapo cururu macho (<i>Rhinella</i> sp) é utilizado em atividades mágico-religiosas, notavelmente nos despachos de encruzilhada (SANTOS, 2016).
O diabo pode se transformar em um sapo (ANDRADE, 2011).
Sapo sendo encarnação do diabo, se não o matar bem feito, ele mata o homem também (ANDRADE, 2011).
Tropeçar no corpo de um sapo cururu morto libera a ira das entidades karuwaras (COELHO, 2014).
Sapo é um instrumento de punição da entidade Matim (COELHO, 2014).
O sapo-do-mar foi uma criação de Poseidon para assustar as ninfas (JESUS, 2015).

Corroborando com os trabalhos analisados, percebemos que alguns mitos de cunho religioso faz relações dos anfíbios com os fenômenos da

natureza, sendo associados ao elemento água. Assim, as pessoas tratam positivamente a presença de anfíbios como o sapo Cururu, como indicação de chuva, tempestades, ou ainda, como forma de prevenção para evitar a escassez de água (SALLA et al., 2017; MENDONÇA, 2008; MENDONÇA, 2008). Além, disso os anfíbios são utilizados nas relações amorosas ou como forma de proteção para aqueles que os colocam junto ao seu meio (CHARÃO, 2016; VILLALOBOS, 2017). Essas percepções, trazem a ideia de proteção aos anfíbios para evitar consequências desagradáveis para as relações e atividades do cotidiano da população humana.

Contudo, a grande maioria dos mitos nessa categoria trazem visões negativas dos anfíbios, de modo que o seu uso em atividades mágico-religiosas com objetivo de infligir algum dano ao ser humano. Assim, os anfíbios são vistos com desavença, por serem considerados um símbolo de mal olhado (SALLA et al., 2017) e figura representativa do Diabo (ANDRADE, 2011) a população humana transmite sentimento de repulsa por esses animais, implicando na realização de práticas que trazem malefícios aos anfíbios (COELHO, 2014; PINHEIRO, 2014; BARBOSA, 2016).

Na categoria zooterápica, enquadramos mitos que fazem referência a utilização dos anfíbios como meios para o tratamento de doenças ou infligir alguma patologia para os sujeitos. Nesse tipo de ação o animal é utilizado inteiramente ou desmembrado com a remoção de órgãos do mesmo, que irão ser utilizados com a finalidade de provocar mudanças fisiológicas no ser humano. Esses mitos são descritos no Quadro 02.

Quadro 02: Mitos e relatos sobre anfíbios classificados na categoria zooterápica.

CATEGORIA ZOOTHERÁPICA
Caso se deseje mal à uma pessoa é só escrever em um papel o nome dessa pessoa e colocar o papel dentro da boca de um sapo e costurá-la (MENDONÇA, 2008; PINHEIRO, 2014; SALLA et al., 2017).
Os sapos são utilizados somente por pessoas que praticam a chamada “magia negra”, utilizada para causar danos a outras pessoas (NETO & ALVES et al, 2010).
A banha e a carne de “jia” (<i>Leptodactylus vastus</i>) são utilizadas para curar dor de garganta (SANTOS, 2009).
A saliva solidificada do sapo-canuarú é utilizada em inalações contra as dores de cabeça (BITTENCOURT, 2017).

Apesar de classificados na mesma categoria e todos os resultados terem como consequência ações danosas aos anfíbios, encontramos duas vertentes para a utilização destes no que se refere à fisiologia humana. Metade

dos nossos resultados descrevem o uso de sapos e rãs/jias para benefício humano, como a utilização da banha, da carne ou da saliva desses animais para auxiliar no tratamento de dores, como as de garganta e de cabeça nos seres humanos (BITTENCOURT, 2017; SANTOS, 2009). Há ainda quem acredite que através de rituais de “magia negra” pode-se causar algum infortúnio na vida de terceiros (NETO & ALVES et al, 2010). Similar à esta crença, encontramos relatos em diferentes fontes da crença de que ao escrever o nome de alguém em um papel e colocá-lo dentro da boca de um sapo costurando-a, também poderá causar certos malefícios à pessoa cujo nome foi escrito no papel (MENDONÇA, 2008; PINHEIRO, 2014; SALLA et al., 2017).

O uso direto ou indireto de frações ou órgãos de animais devido a características morfológicas recorrente na medicina popular brasileira (MOURA & MARQUES, 2008). Contudo, essas crenças levam à atitudes que, seja para benefício ou malefício ao ser humano, acabam por abater os animais, isso pode levar à a exploração de algumas espécies e gerar consequências conservacionistas negativas, o que implicaria em um desequilíbrio ambiental.

Apesar de termos utilizado o mesmo sistema de classificação de Lira et. al, 2018, não encontramos resultados do uso de partes dos anfíbios na categoria de consumo como forma de nutrição/alimentação ou de artesanato.

Em relação a categoria biológica, encontramos mitos que descrevem os aspectos comportamentais dos anfíbios no meio natural, bem como as atividades fisiológicas desses animais. As percepções da biologia desses indivíduos indicam como a população humana interage em situações do cotidiano com o contato de representantes desse grupo, como forma de proteção ou utilização em atividades econômicas, como a agricultura. Os mitos elencados estão presentes no Quadro 03.

Quadro 03: Mitos e relatos sobre anfíbios classificados na categoria biológica.

CATEGORIA BIOLÓGICA
O sapo pode atacar, esguichando xixi/veneno/leite nos olhos das pessoas e isso pode causar cegueira e/ou verruga na pele (LUCHESE, 2013; PAZINATO, 2013; PINHEIRO, 2014; SALLA et al., 2017).
Para matar o sapo basta jogar sal nele (SALLA et al., 2017).
Há pessoas que lambem os sapos, como se isso fosse dar a sensação de usar uma droga (SALLA et al., 2017).
Na natureza eles matam as pragas que infestam as plantações (SALLA et al., 2017).
Os sapos cantam à noite, talvez sirvam para cantar (SALLA et al., 2017).
O suor dos sapos é venenoso (MENDONÇA, 2008).
Se alguém tocar em um anuro pode ter “cobreiro” (doença viral) (LUCHESE, 2013; PAZINATO, 2013).

A rã é a fêmea do sapo (LUCHESE, 2013).
Quando o cururu acasala ele pula em uma trajetória redonda (SANTANA, 2007).
O sapo-boi morde como cachorro (LUCAS, 2010).
Sapo-boi é sensível aos sons dos sinos (LUCAS, 2010).
O Sapo tira o veneno do ar (JARDIM, 2003).
Sapo é considerado animal peçonhento (DINIZ, 2010).

Observando os mitos da classificação biológica, podemos notar um padrão em que a população relaciona os anfíbios, em especial os sapos, com a figura do veneno, tendo alguns, benefícios ao animal, como o pensamento que o sapo tem a propriedade de limpar o ar de veneno (JARDIM, 2003), que incentiva a permanência dos sapos perto à população, entretanto, na grande maioria, esses mitos acabam por levar à percepções equivocadas e consequentemente repulsa e medo dos anfíbios em geral, o que gera grandes prejuízos ao convívio entre esses animais e humanos, como por exemplo, os mitos que os sapos são animais peçonhentos (DINIZ, 2010) e que o contato com partes de seu corpo ou de seus produtos fisiológicos podem causar malefícios ao indivíduo (LUCHESE, 2013; MENDONÇA, 2008; PAZINATO, 2013; PINHEIRO, 2014; SALLA et al., 2017).

Outro tipo de mito observado nessa categoria é o de comportamento, onde se tem a percepção de ações inusitadas atribuídas aos anfíbios, como o pensamento que o sapo-boi têm padrões semelhantes a cachorros (LUCAS, 2010), que cururus pulam em uma trajetória redonda quando acasala (SANTANA, 2007) e que os sapos cantam durante o período da noite (SALLA et al., 2017). Esses tipos de concepções sobre os anfíbios podem ser explicados pela falta de informação sobre esses animais pela população, que em conjunto com a sua imagem prejudicial, que é intensificada pelos mitos, acabam por distanciar ainda mais as pessoas dessa classe e de seus reais padrões de comportamento (PINHEIRO, 2014).

Em relação aos ambientes formais de ensino, encontramos relatos de professores que, ao ensinar sobre anfíbios priorizam a desmistificação das diversas crenças relacionadas ao grupo, bem como a importância ecológica destes no ambiente e a interação deles com o ser humano (SANTOS et al., 2011). Essa informação vai de encontro com a abordagem dos anfíbios no contexto escolar, com as percepções dos discentes sobre a origem e relações desse grupo com outros animais que se enquadram na herpetofauna como répteis e aves, analisando as relações filogenéticas e de classificação dos grupos (COSTA & WAIZBORT, 2016).

Além disso, SALLA et al. (2017) relata em sua pesquisa que pessoas que já possuíam algum contato ou familiaridade com anfíbios apresentaram uma imagem menos preconceituosa, tendo conseguido atribuir a estes animais alguma importância. Contrariamente, às pessoas que nunca tiveram contato com algum anfíbio, ou que já passaram por alguma experiência que lhes trouxe medo, tenderam a basear-se principalmente nos mitos e histórias negativas, e dificilmente conseguiram atribuir alguma importância a estes animais.

Considerações finais

De acordo, com as exposições documentadas neste trabalho, percebemos a relevância de levantar as percepções regionais sobre os anfíbios, tendo em vista que os animais representantes deste grupo suscitam sentimentos negativos de medo e repulsa dos seres humanos, o que pode ser um grande obstáculo para a aproximação afetiva antrópica e para a criação e manutenção de medidas conservacionistas dos répteis. Salientamos a importância da continuidade de estudos etnozoológicos para uma melhor compreensão das crenças populares, que, por sua vez, serve como princípios fundamentais na elaboração de estratégias adequadas de ensino e divulgação científica para uma harmonia no convívio entre nós humanos e os anfíbios.

Referências

ALVES, R. R. N.; PEREIRA-FILHO, G. A.; VIEIRA, K. D.; SANTANA, G. G.; VIEIRA, W. L. S.; ALMEIDA, W. O. Répteis e as populações humanas no Brasil: uma abordagem etnoherpetológica. In: ALVES, R. R. N.; SOUTO, W. M. S.; MOURÃO, J. S. (Org). A Etnozoologia no Brasil: importância, status e perspectivas. Recife: NUPEEA, p. 123-147. 2010.

ANDRADE, F. G. O Demônio interior em Grande Sertão: Veredas. 2011. Dissertação (Mestrado em Língua, Cultura, Identidade e Ensino) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão. 2011

BARBOSA, M. N. O grande diálogo da literatura em bibliotecas públicas. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2016.

BITENCOURT, D. B. Remédios da terra, amuletos e medicina popular: a etnofarmacobotânica nas artes de curar dos amazônidas entre Oriximiná (PA) à Nhamundá (AM), 1870-1940. 2017. 222f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

CHARÃO, D. O encarceramento do negro. 2016. Monografia (Graduação do curso de Direito) - Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul. 2016.

COELHO, J. R. L. Cosmologia Tenetehara Tembê: (re)pensando narrativas, ritos e alteridade no Alto Rio Guamá. 2014. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus. 2014.

DINIZ, J. M. O tema "Animais Peçonhentos": Proposta de atividade lúdica no ensino de ciências. 2010. Dissertação (Mestrado em Ciências) - Instituto Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro. 2010.

JARDIM, A. C. S. Uso dos recursos naturais pelos produtores rurais da nascente do Rio Grande. 2003. Dissertação (Mestrado em Gestão Social, Desenvolvimento e Ambiente) - Universidade Federal de Lavras, Lavras. 2003.

JESUS, J. S. Sala de recuperação como espaço de desenvolvimento: Contribuições da Psicologia Escolar. 2015. Dissertação (Mestrado em Psicologia como Profissão e Ciência) Pontifícia Universidade Católica, Campinas. 2015.

LUCAS, G. L. C. Oralidade, Psicanálise, e Ensino de Língua Materna: experiências com crianças oriundas de ambientes desfavorecidos. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo. 2010.

LUCHESE, M. S. A herpetologia no ensino fundamental: O que os alunos pensam e aprendem. 2013. 53f. Monografia (Graduação do curso de Ciências Biológicas) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2013.

MENDONÇA, V. L. O folclore como instrumento de motivação para o ensino de zoologia na escola. 2008. 276f. Dissertação (Mestrado em Ciências) - Universidade de São Paulo, São Paulo. 2008.

NETO, N. A. L.; ALVES, R. R. N. A Natureza sagrada do Candomblé: análise da construção mística acerca da Natureza em terreiros de candomblé no Nordeste de Brasil. *Interciencia*, v. 35, n. 8, 2010.

PAZINATO, D. M. M. Estudo etnoherpetológico: Conhecimentos populares sobre anfíbios e répteis no município de Caçapava do Sul, Rio Grande do Sul. 2013. 65f. Monografia (Especialização em Educação Ambiental) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria. 2013.

PINHEIRO, D. D. "Sapiando": Produto educacional para o ensino sobre anfíbiofauna na modalidade da educação de jovens e adultos. 2014. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências Naturais) - Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá. 2014.

POUGH, F. H.; JANIS, C. M.; HEISER, J. B. A vida dos vertebrados. São Paulo: Atheneu. 4ª ed., 2008.

SALLA, R. F.; JONES-COSTA, M.; FERNANDES, H. L. Influência do sistema afetivo-emocional no aprendizado: valores culturais e mitificação dos anfíbios anuros. *Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio*, v. 10, n. 1, p. 87-105, 2017.

SANTOS, A. A. Lendas, mitos e bichos: Os animais na cultura popular do homem sertanejo no semiárido nordestino. 2016. Dissertação (Mestrado em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental) - Universidade do Estado da Bahia, Paulo Afonso. 2016.

VILLALOBOS, M. P. Q. Literatura e interculturalidad: experiencias didácticas en el centro de literatura infantil y juvenil. *Revista Pedagógica*, v. 19, n. 40, p. 68-85, 2017.